

**FILOSOFIA SOCRÁTICA:  
AUTONOMIA DO SUJEITO NO EXERCÍCIO DA RAZÃO**

Denise Santana Maia\*

Marcelo Meira Alves\*\*

---

**RESUMO:** O surgimento da filosofia ocorreu, simultaneamente, com o desenvolvimento da civilização ocidental. Com o advento da Polis o cidadão tornou-se o responsável pela defesa de suas ideias, em praças públicas, através da Retórica. Para esta arte não é relevante a autonomia do sujeito sobre suas próprias ideias e é nesse contexto que os sofistas vão atuar. O presente artigo propõe uma exposição da Filosofia Socrática, a partir da descrição da Maiêutica, como método que consiste em um verdadeiro “parto das ideias”, em oposição ao modo sofista de ensinar filosofia. O desenvolvimento dessa questão terá como pressuposto o modelo socrático, apresentando-o como modelo de atitude filosófica e como uma possível problemática no ensino de filosofia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autonomia. Conhecimento. Maiêutica. Racionalização.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O exercício autônomo da razão compreende na grande característica do que consistirá o método socrático: a maiêutica. Sócrates acreditava que o conhecimento deveria decorrer de um processo independente, onde a razão atua sem qualquer passividade. Só desta maneira estaríamos diante do verdadeiro saber. Essas circunstâncias puderam ser verificadas com o advento da sociedade grega, sobretudo na crítica feita por este filósofo aos sofistas.

---

\* Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: denise\_smaia@yahoo.com.br

\*\* Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: mcello90@hotmail.com



Os sofistas atuavam sem o objetivo de alcançar o verdadeiro conhecimento, pois a metodologia sofística não se preocupava, propriamente, com um valor de verdade. Em contrapartida, não é prudente eliminarmos a importância desses pensadores para a teoria do conhecimento. Reconhecemos que os sofistas deixaram grande legado pedagógico, à medida que foram eles que primeiro tentaram racionalizar o discurso através do estabelecimento de regras de composição.

Antes de ser propriamente uma tese defendida por Sócrates, o exercício autônomo da razão, deve ser considerado, sobretudo, como um princípio a ser observado pelos profissionais de filosofia. Significa dizer que, o ato de ensinar filosofia, requer, antes de falar de sua história, que os sujeitos sejam capazes de refletir e se oporem a realidade a qual lhe é apresentada de modo autônomo e independente.

## 2 NO QUE CONSISTE O MITO?

O nascimento da Filosofia ocorre em um contexto de ruptura: entre mito e religião. Este episódio se justificou pela perda da validade que as questões religiosas e místicas exerciam na busca pela verdade. Antes de ocorrer essa ruptura, o mito e a religião eram as únicas fontes de explicação da realidade, como testemunharam as narrativas homéricas e parte dos textos dos filósofos pré-socráticos. Assim, importa saber em que consistem os mitos? Qual o seu sentido? Como resposta a esse questionamento Burkert (2001, p. 17) escreve que:

A palavra grega “mythos” significa “fala, narração, concepção”. [...] Os mitos são – e isto é fundamental – narrativas tradicionais. Nessa medida, a mitologia é um domínio parcelar da investigação geral sobre a narrativa. Só é difícil delimitar os mitos no seu “verdadeiro” sentido da multiplicidade de tipos narrativos existentes.

Ao confrontar as ideias sobre o mundo e sua origem, propostas pelo mito, a filosofia buscará explicá-la de forma racional. Uma explicação sobre



a realidade e os fenômenos naturais a partir da razão, pôde oferecer aos gregos argumentos mais coerentes e lógicos, muito diferentes daqueles utilizados até então pela tradição. Desse modo, inicia-se um grande processo de racionalização e laicização<sup>1</sup>, decorrente da narrativa mítica, desvinculando-a e colocando-a como passado poético e fantasioso.

Sob esse novo sentimento de insatisfação com as explicações tradicionais, os gregos perceberam que a verdade sobre o mundo e a natureza não eram algo estritamente secreto, cujo poder de revelação estaria apenas nas mãos das divindades. Deram-se conta de que, a razão de todos os acontecimentos do mundo, poderia ser conhecida pelo homem, através do raciocínio. Após esse reconhecimento de que a razão é capaz de conhecer as estruturas que origina e ordena o mundo, aquilo que, no mito, eram seres divinos (Urano, Gaia, Oceano) tornou-se elementos concretos (Céu, Terra e Mar) da composição do cosmo e alvo da explicação racional e não apenas mítica ou fantástica.

### 3 FILOSOFIA: O CONTEXTO HISTÓRICO DO SEU SURGIMENTO

O nascimento da filosofia, segundo os historiadores, ocorreu no final do século VII a.C, e início do século VI, na cidade de Mileto, simultaneamente, com o surgimento das cidades-estados na Grécia, onde os filósofos, ultrapassando as “explicações” mitológicas da tradição anterior, passam a busca da verdade através do logos, isto é, de forma racional.

A filosofia nasce, portanto, como uma Cosmologia<sup>2</sup>, tendo como primeiro filósofo, Tales de Mileto. Além deste citado sentimento de

---

<sup>1</sup> Princípio da autonomia das atividades humanas, ou seja, a exigência de que tais atividades se desenvolvam segundo regras próprias, e não impostas de fora, com fins ou interesses diferentes dos que os inspiram (Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 691).

<sup>2</sup> Palavra composta de cosmo [kósmos], que significa “a ordem e organização do mundo” ou “o mundo ordenado e organizado”, e logia, que vem de logos, “pensamento racional, discurso racional, conhecimento” (CHAUÍ, 2010, p. 30).



insatisfação dos gregos, outros fatores os impulsionaram na busca por uma explicação racional sobre a organização do mundo e da natureza, dentre eles, as grandes navegações. Nessas viagens, os gregos entraram em contato com a cultura e o conhecimento dos povos orientais, que, por sua vez, influenciaram profundamente o conteúdo da filosofia grega (Cf. CHAUI, 2010).

Dentre os vários personagens nesse período, destacou-se a figura de Sócrates, como o protagonista da racionalização da filosofia, tendo sido considerado um modelo de filósofo e de educador, segundo o testemunho de Platão. A partir de seu método, ele buscou incentivar a autonomia do sujeito, exercendo uma reflexão que questiona, duvida, constrói e, sobretudo, reconstrói. Reafirmando essas considerações, BATISTA [et al] (2011, p. 51) afirma que

Desde a Antiguidade, Sócrates já era conhecido como alguém que, ao contrário de ter ensinado a filosofia, tinha-a vivido, segundo o testemunho que até nós chegou de Diógenes Laércio (Cf. 2007). Por tal razão, Sócrates é inevitavelmente concebido como o modelo, por excelência, do filósofo prático, que não se contenta com, tampouco admite, especulações estéreis ou inúteis, as quais, por sua vez, em nada contribuiriam para o aprimoramento intelectual e moral do ser humano. Desse modo, a sua preocupação com os problemas práticos humanos, mormente os problemas éticos (morais) e políticos (cívicos), fez da sua reflexão um dos principais divisores de águas no âmbito da história da filosofia e, por que igualmente não afirmar, no âmbito da história da educação.

Como podemos notar, são inegáveis as contribuições deixadas por Sócrates, tanto de caráter filosófico, quanto no que diz respeito ao seu modelo educacional. Sem sombra de dúvidas, isso tem motivado os debates e o desenvolvimento de novas pesquisas neste tema, visto que na educação contemporânea encontramos influencia do método socrático.

Neste mesmo período, surge também a Sofística, cujo principal objetivo consistia na arte de ensinar e argumentar sem, necessariamente, se importar com o valor da verdade. Contudo, há que considerar que



comumente nos vemos bastante influenciados pela concepção negativa descrita por Platão a respeito dos sofistas, devemos ser cautelosos e reconhecer as contribuições dos sofistas. A primeira delas, inclusive, está na produção do discurso da relatividade, proposto por Protágoras de Abdera (Cf. CASERTANO, 2010).

Inspirar-se na filosofia Socrática, como um modelo para o filósofo contemporâneo, é o que procuramos defender no presente texto. Ao considerá-la, a proposta desta discussão é tratá-la sob um contexto educacional, defendendo a posição de que ao romper com a tradição, os docentes de filosofia, estariam instigando nos alunos certa autonomia para discutir acerca das problemáticas que surge dentro e fora do espaço da sala de aula.

#### 4 A VERTENTE SOCRÁTICA: FILOSOFANDO A PARTIR DA IGNORÂNCIA

Como afirmado no item anterior, os registros indicam que o nascimento da filosofia ocorreu por volta dos sécs. VII e VI a.C. Contudo, alguns aspectos importantes antes deste período influenciaram profundamente a cultura grega, e caracterizaram também o contexto cultural vivido por Sócrates, como bem afirma BATISTA [et al] (2011, p. 51-52, grifos nossos):

[...] a partir da era da formação da civilização micênica em particular, foram lançadas as primeiras bases para a consolidação da cultura grega em geral, cujo apogeu remonta ao Século V a.C, período depois do qual começa a declinar; mesmo assim, **tornou-se inegável ao longo da história admitir que a Antiga Grécia constituiu-se como uma prolífica civilização**, cuja cosmovisão, manifesta na sua arte, ciência, filosofia, literatura e política tornou-se um dos seus mais importantes legados à civilização ocidental.

A palavra “virtude” constituiu um elemento fundamental na filosofia socrática e suas origens também ocorreu neste mesmo período histórico. Para Sócrates, a existência da virtude nos homens é o que os levariam ao



conhecimento verdadeiro. As especulações em torno deste objeto foram a base da filosofia socrática, e, ao mesmo tempo, conduziram – sob sua perspectiva –, à conclusão de que a filosofia e a educação se destinam ao mesmo fim: a vida introspectiva (Cf. BATISTA [et al], 2011).

A concepção moral de Sócrates está intimamente ligada à crença de que esta se identifica com o conhecimento. Na Grécia antiga, a ética relacionava-se com a virtude pessoal – através dos cidadãos – que, posteriormente, deveria levá-la em conta na construção da sociedade, sobretudo na elaboração das leis. Para caracterizar essa ética, Sócrates utilizava determinados conceitos, para então distinguir o homem virtuoso do homem vicioso.

Para o filósofo, a felicidade do homem estava em agir segundo a virtude. Portanto, na perspectiva de Sócrates, a moral é o ápice da filosofia. O meio de obter a felicidade, portanto, seria através da prática filosófica. Para Sócrates, o mal é fruto da ignorância. Por esse motivo, a tradição afirma que a moral socrática defende o conhecimento através da racionalidade.

Seria precipitado julgar Sócrates como um filósofo irônico e perspicaz. Visto que, ele foi capaz de perceber o que os outros – que se julgaram aptos – não concretizaram. Quando questionado por estes, Sócrates usava da ironia como predisposição de ataque e defesa. Sua habilidade retórica era louvável e ele a usava para convencer todos sobre o valor da prática da virtude. Sobre a aptidão de Sócrates em argumentar e levar o interlocutor a contradição, Platão (2008, p. 142) mostra-nos, claramente, em seu monólogo *Apologia*.

Dirige-me a um desses indivíduos que gozam da reputação de ser sábio, no pensamento de que junto a ele – se junto a quem quer que seja – poderia eu contestar o oráculo e dizer-lhe: “Este homem é mais sábio do eu, porém afirmaste ser eu o mais sábio”. Então, ao examinar esse homem – não há necessidade para mim de indicar seu nome – trata-se de um de nossos políticos, minha experiência foi, homens de Atenas, algo assim: após conversar com ele pareceu-me julgar-se sábio a muitas pessoas e



especialmente a si mesmo, mas não era. Procurei em seguida mostrar-lhe que ele se julgava sábio, mas que não era [...].

As contribuições teóricas deixadas por Sócrates, especialmente no que diz respeito às questões humanas (ética e política), o transformou em um dos filósofos com mais seguidores, embora não tenha deixado nada por escrito.

Considerando Sócrates como um educador, concluímos que ele buscou instigar – naqueles que com ele conviviam – conhecer é sinônimo de buscar a verdade. Ele defendia que o autoconhecimento era o primeiro passo para conquistar o verdadeiro saber. Em suas “aulas”, Sócrates argumentava que nada deveria ser apreendido de modo passivo, que o sujeito deveria construir o conhecimento partindo de uma busca a partir de “si mesmo”. PEREIRA (2012, p. 465) lembra que o “objeto de seu ensino” era “o culto da virtude, [...] o domínio de si mesmo, o raciocínio indutivo e a definição de conceitos”.

Sócrates acreditava que antes de afirmarmos o conhecimento, devemos reconhecer *a priori* nossa ignorância. Este método defendido por Sócrates visava que o sujeito promovesse em si, uma autonomia na construção de suas próprias ideias.

Vale esclarecer que, o método socrático não pretendeu ensinar uma doutrina, e sim construir uma verdadeira arte de pesquisar, como afirma Abbagnano (1987, p. 120):

Sócrates não se propõe portanto comunicar uma doutrina ou complexo de doutrinas. Ele não ensina nada: comunica apenas o estímulo e o interesse pela pesquisa. Em tal sentido compara, no *Teeteto* platônico, a sua arte à da mãe, a parteira Fenarete. A sua arte consiste essencialmente em averiguar por todos os meios se o seu interlocutor tem de parir algo fantástico e falso ou genuíno e verdadeiro. Ele declara-se estéril de sabedoria. Aceita como verdadeira a censura que muitos lhe fazem de saber -interrogar os outros, mas de nada saber responder ele próprio. A divindade que o obriga a fazer de parteiro proíbe-o de dar à luz: E ele não tem nenhuma descoberta a ensinar aos outros e não pode fazer outra coisa senão ajudá-los no seu parto intelectual. E os outros, aqueles que dele se aproximam, a princípio



parecem completamente ignorantes, mas depois a sua pesquisa torna-se fecunda, sem que todavia aprendam nada dele.

Conforme verificamos, a filosofia Socrática é indispensável para o ensino de filosofia, pois permite a busca da verdade a partir do (auto) reconhecimento da ignorância, baseando-se no questionamento. Diferentemente dos sofistas, que, apesar de ter deixado o legado à Pedagogia, estes ensinavam, contudo, sem a preocupação com uma busca pelo conhecimento que tivesse como meta o ensino da virtude, ou melhor, a arte de viver feliz, partindo da própria ignorância.

## 5 A SOFÍSTICA COMO MODELO PEDAGÓGICO

Aproximadamente no século V a.C, a vida política dos gregos passava por uma fase democrática, onde as questões coletivas deveriam ser decididas e tratadas em conjunto. Neste momento, a Polis assistia a um esplendor de debates nas praças públicas, onde os gregos, na condição de cidadãos livres, defendiam suas próprias ideias.

É, particularmente neste ambiente, que os sofistas “atuaram” como protagonistas, na condição de contratados para ensinar a defesa de opiniões divergentes. Enquanto que, para realizar essa tarefa, os sofistas cobravam preços elevados, Sócrates ensinava em qualquer lugar e a qualquer pessoa que se dispusesse a ouvi-lo, conforme verificamos em seu discurso na *Apologia*: “... e se ouvistes de alguém que me disponho a ensinar as pessoas e que cobro esse ensino, tampouco isso é verdadeiro” (PLATÃO, 2008, p. 140). É nessas circunstâncias, que Sócrates critica a atuação dos sofistas em cobrar pelo que eles ensinam.

O saber pretendido pelos sofistas era um saber que não objetivava o alcance da verdade – em seu sentido pleno –, mas apenas uma verdade relativa e circunstancial, de acordo com a conveniência e ocasião da investigação. Sócrates, por sua vez, confronta o saber sofístico por meio de



perguntas, para então, estabelecer uma definição do conhecimento e do verdadeiro saber.

Sem sombra de dúvidas, os sofistas contribuíram com a educação, sobretudo, no que diz respeito às questões de caráter pedagógico. Contudo, o que se pretende, ao ensinar filosofia, é algo consideravelmente muito distante do viés sofisticado. Atualmente, o que se propõe para a educação básica, é tornar os alunos autônomos no processo de construção do conhecimento, principalmente, no que diz respeito ao ensino de filosofia, que se fundamenta, especialmente, na busca do saber, e da renovação deste mesmo saber.

Sobre essa questão, podemos entendê-la melhor através da dialética de Hegel, apresentado por Fourez (2008, p. 37):

[...] primeiro, se afirma uma tese, isto é, a maneira pela qual a realidade se apresenta. Depois, apresenta uma antítese, ou seja, a negação da tese, negação que é provocada pela aparição de outros pontos de vista, surgindo com base no exame crítico que se fez. Enfim, apresenta uma síntese, que é a nova maneira de ver, resultante do processo crítico.

A partir disso, é que podemos apresentar, então, uma antítese em relação à sofística. O conhecimento filosófico não é definitivo e não se encerra quando encontramos novas respostas. Na verdade, está sempre em movimento, e, nesse processo, é passível de ser revisto. Concordando com o pensamento de Sócrates, Langon (*apud* ASPIS, 2004, p. 310) lembra: “Importa-me aqui o Sócrates vivo, que não ensinava filosofia, mas filosofando, fazia filosofar”.

Apesar das acusações e das críticas aos métodos dos sofistas (de cobrar pelo que ensinam), deve-se reconhecer que eles eram sábios e deixaram suas contribuições: produziram um currículo de estudo e um modelo pedagógico usado nas instituições de ensino, que foram resgatados no período medieval.



## 6 O ENSINO DE FILOSOFIA E A ATITUDE FILOSÓFICA

Desde o contexto em que nasceu a filosofia, sobretudo, no momento em que se iniciou o processo de racionalização, foi possível observar certa despreensão em ensiná-la. Interessante notar que, quando questionamos no que consiste o ensino de filosofia, não nos vêm uma resposta imediata, como ocorre com as demais disciplinas. Em princípio, ensinar filosofia nos parece uma tarefa simples, contudo, nos questionamos: é possível o seu ensino? Qual a melhor maneira para transmiti-la? Quem está apto a ensiná-la?

Inserir filosofia no currículo do ensino médio, sem sombra de dúvidas, é um desafio, ainda mais quando se trata de mantê-la no processo educacional como disciplina obrigatória. Essa dificuldade aumenta se levarmos em conta que a filosofia não possui a praticidade e objetividade comuns às demais disciplinas.

Essa “tradição” de que a filosofia não é, aparentemente, um conhecimento útil, pode ser demonstrada na “anedota atribuída a Tales de Mileto” e descrita por Cerletti (2009, p. 42):

A versão Platônica diz que uma noite Tales caminhava observando o céu e tropeçou, caindo em um poço. Uma empregada que observava a cena debochou dele, questionando como ele pretendia entender o que acontece no céu, se não podia sequer ver o que estava a seus pés.

Chegamos à conclusão de que, embora a filosofia não seja grande objeto de interesse entre os estudantes, importante ressaltar que todas as demais ciências possuem raízes filosóficas. A mesma filosofia que buscava dar conta de todas as perguntas ou que buscava entender o que acontecia no céu é a mesma que “pariu” as diversas ciências que buscam hoje explicar de maneira concreta a realidade.

O ensino de filosofia pretende motivar e levar o discente a problematização, sempre questionando a realidade e a busca pela verdade.



As indagações filosóficas têm a pretensão de tornarem-se universais, contudo, sem se contentar com uma única visão sobre um mesmo objeto. Sempre refutando e persistindo na possibilidade de encontrar novas verdades, não esquecendo que isto não lhes garante uma definitividade.

Cerletti (2009, p. X) expõe que: “o filósofo não inventa as suas questões ou seus problemas do nada. [...]. Ele é um re-criador de problemas”. Desta forma ele buscará respostas para as suas interrogações tomando como base as grandes disciplinas ou temas da filosofia, tais como, a arte, a música, a política e etc.

Quando se trata da formação de professores de filosofia, deve-se ter como projeto uma formação filosófica e também pedagógica. Filosoficamente, no sentido deste profissional ter atitudes filosóficas na sala de aula, bem como levar para esse mesmo ambiente sua posição sobre o mundo, sempre instigando os alunos.

Finalmente se conclui que a atitude filosófica é um instrumento inerente ao ensino de filosofia, sobretudo, inerente à postura do próprio professor na sala de aula, visto que esta posição representa também um exercício para os alunos no momento de construir com autonomia seus próprios conceitos e reflexões acerca da realidade.

## 7 CONCLUSÃO

É inevitável que, ao falarmos de filosofia, tratemos também da Grécia, de sua herança cultural tais como: razão, maiêutica, a figura de Sócrates e dos sofistas. Esses últimos, apesar de suas contribuições sobre o ensino, não poderíamos utilizá-los como modelo no ensino de filosofia. Mas isso não pode ocultar a grande contribuição que os sofistas legaram no que diz respeito ao modelo pedagógico.

A filosofia não permite a cristalização do pensamento. Ela possui como meta tornar o homem sujeito de sua realidade pessoal e social, através da criação de espaços para a reflexão. Esse caráter aberto ao futuro



e não dogmático da filosofia pode ser percebido em suas características mais importantes: ao colocar como um de seus pressupostos o despojamento dos pré-conceitos como atitude fundamental para o ato de filosofar, ao provocar a discussão sobre as mais variadas questões da realidade, ao evidenciar a crítica como capacidade de alimentar continuamente a reflexão.

O constante questionamento sobre a realidade, sem a pretensão de dar-lhe respostas definitivas, caracteriza a filosofia como eterna busca e não como posse da verdade. Desse modo, está mais próxima de Sócrates que dos Sofistas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. 2 ed. Lisboa: Presença, 2007, v. I.

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, v. 24, n. 64, set./dez. 2004, p. 305-320.

BATISTA, Gustavo Araújo. FERREIRA, Dayana Vieira. FERREIRA, Stephânia Beatriz. Sócrates: a defesa da filosofia aplicada à educação para a vida reflexiva – algumas considerações para a autoformação ético-política do educador. **Cadernos da FUCAMP**, n. 10, v.12, 2010, p. 49-64.

BURKERT, Walter. **Mito e mitologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

CASERTANO, Giovanni. **Sofista**. São Paulo: Paulus, 2010.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: UNESP, 2008.



JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da cultura clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: PLATÃO. **Diálogos socráticos**. Bauru: Edipro, 2008, p.137-168 (v.III).

SZLEZÁK. Thomas A. **Ler Platão**. São Paulo: Loyola, 2005.



Denise Santana Maia

<http://lattes.cnpq.br/6844284111505847>

Marcelo Meira Alves

<http://lattes.cnpq.br/5414688716769844>

